

Com. Brasil

Noénio Spinola *

Todas ou quase todas as grandes empresas privadas iniciaram este ano com o mesmo tipo de exercício de futurologia, em cima de um mesmo cenário: o Governo do senhor Fernando Collor começará com um amplo crédito de confiança, mas se esse crédito se esgotar rapidamente, por infortúnio político ou por erros táticos, então é preciso estar com o dedo no gatilho não para acertar nos inimigos, mas em suas próprias balas. Qualquer descalibragem na defesa pode ser fatal.

"As empresas apanharam tanto, foram de tal forma obrigadas a tomar medidas para manter a saúde de suas caixas em uma inflação selvagem, no meio de tais ziguezagues políticos, que simplesmente se acabou o estoque de Velhinhas de Taubaté..." diz Carlos Rocca, dirigente do Mappin, a maior cadeia de magazines de São Paulo. Ele ri bem humorado e acrescenta: "Não há mais ingênuos; hoje é todo mundo profissional da sobrevivência."

Como Rocca, muitos executivos estão olhando para a cabeça deste ano como um desafio, cujo roteiro é claro, mas a performance dos atores é imponderável, talvez porque só um ator insista em ficar na cena, o presidente eleito.

Enquanto o cenário não se completa com

um plano de governo, um ministério e a posse, já se formou um certo consenso de que o Brasil não escapará de "alguma" recessão, seja ela administrada ou não. Isto é, com alguém sólidamente segurando o manche de comando ou com o avião totalmente descontrolado. Todos concordam também que o governo terá de agir rápido para produzir resultados capazes de convencer a população, nos primeiros 15 dias, de que o país voltou a ter uma gerência implacável e de que as medidas tomadas terão consequências instantâneas e exatas. Simplesmente não há mais espaço para errar com um Brasil como se está errando com uma Argentina.

As expectativas incluem um forte ajuste fiscal, um ajuste externo, uma sinalização clara de que o tamanho do Estado será reduzido e balizas muito matemáticas para o sistema financeiro. (O nome do senhor Daniel Dantas é visto com essa capacidade de acerto "micro", embora não se saiba ainda qual o seu destino.) Ninguém quer ouvir falar em congelamento. Diz outro executivo: "Isso nos brindaria em 90 dias com um presidente com a mesma taxa de desgase do Governo Sarney, com a diferença de que, então, teríamos de aturá-lo por cinco anos. Ou sair correndo para o Parlamentarismo..."

Em um contexto desses é natural que os tambores da CUT já estejam roncando. O governo paralelo do PT quer acelerar o desgase do senhor Fernando Collor antes mes-

Um tiro na bala

08 JAN 1990

mo dele subir ao palco, pois isso significa aumentar as chances de uma bancada maior nas eleições de outubro. É por isso que a CUT está tentando tomar a bandeira da cesta-básica e está armada para produzir greves por salário e estabilidade no emprego. Janeiro vai assistir, da primeira quinzena para a frente, o aumento de uma algazarra que só se reduzirá na última semana de fevereiro (Carnaval) e com a posse. Até lá, irá amadurecen-

*Simplesmente não há
mais espaço para errar
com um Brasil como se
está errando com
uma Argentina*

do a verdade política ao lado da verdade econômica: se a sociedade que elegeu o PRN foi incapaz de lhe dar cobertura e cobrar coerência política, sua fronteira será aberta para trás; o único espaço de fuga hoje é reformista, para a frente, e as empresas terão de pagar algum preço por ele. Isso parece lógico-se aqui, como no Leste europeu, forem cortadas as asas do Estado.

A sorte do novo governo, por uma ironia, pode depender do grau de consenso que a

administração atual consiga para controlar a inflação até terminar o mandato. O consenso formado em São Paulo no fim da semana passada, por um processo quase mágico, foi de que as pressões inflacionárias de dezembro refluiram. Os índices da Fipe e do IBGE ajudaram, mas o relevante é a iniciativa de fornecedores cujos faturamentos incluíram aumentos de 80, 90 e até 150%, com a redução dos prazos de pagamento para 15 dias: eles estão ligando para as lojas propondo uma redução nas tabelas, voltando a alargar os prazos de pagamento e sugerindo reajustes mais digeríveis, com base na inflação do mês anterior. Se a tendência continuar, apesar das chuvas e pressões sobre os produtos agrícolas, será possível chegar até março abaixo de 60%.

Por instinto de sobrevivência ou porque não quer ser obrigada a testar suas defesas nos limites extremos de ter de acertar na balas, antes de ser apanhada por elas, muita gente voltou atrás nas expectativas terroristas, realimentadas pelo porre dos efeitos Orloff mandados pelos argentinos. A Buenos Aires que já foi capital da América Latina nos anos 50 chega aos anos 90 como espelho das nossas prováveis incompetências, e laboratório de todos os erros latinos. Algo que passamos a consumir como restos de *paellas* oferecidas por gordurosos menus *española-dos*.

O senhor Fernando Collor vai receber até

JORNAL DO BRASIL

a posse uma série de propostas reformistas, cuja incorporação ao programa de governo pode marcar a face da administração que teremos pelos próximos anos. O pronunciamento do futuro presidente da Bovespa, Fernando Nabuco, esperado para este início de semana, é um sinal que se somará a muitos outros contendo expectativas de reforma do sistema financeiro e volta do capital de longo prazo, no lugar da filosofia do curtíssimo prazo que o Estado enfiou pela goela dos poupadores e das mesas intermediárias. Afinal de contas, o modelo de endividamento estatal produziu, no fim da década de 80, uma taxa de crescimento do PIB inferior ao crescimento da população; um giro financeiro onde 15% do PIB dança diariamente em Letras do Tesouro para cobrir o déficit público; e um espantinho de descontrole externo que afugentou o capital de risco estrangeiro.

Há quem aposte que o giro do senhor Fernando Collor pelo exterior está certo, na medida que possa voltar com as mãos cheias de acordos com governos e credores. Mas, se colocar os pés aqui e não fizer os ajustes internos necessários, a confiança morre no minuto seguinte. O que cresce: a necessidade de calibrar a pontaria para não errar nas balas que inevitavelmente virão em sentido oposto.

* Jornalista, editorialista do jornal O Estado de S. Paulo